

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Kizzy Romeiro Batista

**Juventudes, Saberes e ViVências: Fracasso e desistência escolar dos adolescentes em  
privação de liberdade**

**Porto Alegre**

**2020/2**

Kizzy Romeiro Batista

**Juventudes, Saberes e ViVências: Fracasso e desistência escolar dos adolescentes em  
privação de liberdade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Karine Santos.

**Porto Alegre**

**2020/2**

KIZZY ROMEIRO BATISTA

**Juventudes, Saberes e ViVências:  
Fracasso e desistência escolar dos adolescentes em privação de liberdade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Karine Santos.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

---

**Profa. Karine Santos – Orientadora**

---

**Ana Claudia Godinho – Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

---

**Prof. Maurício Perondi – Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

## CIP - Catalogação na Publicação

Romeiro Batista, Kizzy  
Juventudes, Saberes e Vivências: Fracasso e  
desistência escolar dos adolescentes em privação de  
liberdade / Kizzy Romeiro Batista. -- 2020.  
43 f.  
Orientadora: Karine Santos.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Educação, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre,  
BR-RS, 2020.

1. Socioeducação. 2. Desistência escolar. 3.  
Saberes. 4. Adolescentes. I. Santos, Karine, orient.  
II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à pessoa que me fez ser o que sou hoje, que esteve e está sempre me mostrando o caminho certo, sempre ao meu lado com força e confiança. Sou imensamente grata por termos nos escolhido para seguirmos juntas nesta caminhada de descobertas e muito amor. Agradeço por não ser tardio este reconhecimento a ti e que pudemos enfrentar muitas coisas unidas, porque se estivermos unidas nada nos derrubará. Eu te amo demais.

À minha religião e meus orixás, que me sustentam e dão forças pra seguir sempre no caminho de amor e fé, e à minha guardiã, Vera, que faz o possível e o impossível por mim, por quem tenho um imenso carinho. Agradeço por tudo.

Ao meu pai, que me auxiliou e me auxilia a trilhar meu caminho, a pessoa mais alegre que eu conheço. Essa alegria contagiante é algo que quero ter comigo sempre. Obrigada por ser quem é. Mesmo que não seja dito em palavras, sei o quanto me apoia e o quanto nos amamos.

À minha prima Karine, que acima de tudo é minha melhor amiga. Obrigada por todo o incentivo, por estar sempre presente nas minhas conquistas, por sempre tirar o melhor de mim. Agradeço demais pela tua existência e por dividir ela comigo. Te amo infinitamente, “de sempre para sempre”.

Ao Gabriel, à Vitória e à Laís, amigos que fiz na Pedagogia, que me ajudaram a seguir nessa caminhada tão difícil, sempre com palavras de incentivo e apoio. Amizades que saíram para fora dos muros da universidade e hoje são vínculos baseados em companheirismo, resistência e ancestralidade.

À minha orientadora maravilhosa, Karine. Chego até aqui e não consigo descrever em palavras o que você representa para mim. Como sempre disse, é minha orientadora desde o meu segundo semestre. Transformou minha experiência na universidade com todo seu amor pela socioeducação, me trazendo mais motivação para esse tema. Obrigada por embarcar nas minhas ideias e por não desistir de mim, por me ajudar a levantar quando acho que tudo vai desmoronar. Agradeço muito por ser essa inspiração de pessoa, mulher e professora. Se eu for um terço do que você é, já estarei mais do que feliz.

## **RESUMO**

O presente trabalho foi elaborado a partir da análise de documentos produzidos por ocasião do meu estágio curricular na área de educação social na Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE) e tem o objetivo de entender por que os adolescentes e jovens que estão em privação de liberdade desistem da escola. Para este estudo, foi utilizado como aporte teórico o trabalho de Bernard Charlot, em diálogo com outros autores, procurando compreender a relevância dos saberes produzidos dentro e fora da escola para entender como ocorrem os fracassos escolares que levam esses adolescentes e jovens à desistência. Em resposta à pergunta “Quais as causas da desistência escolar dos adolescentes e jovens em privação de liberdade?”, obtive como resultados desta pesquisa indícios de que as relações com a escola e o ingresso no tráfico são as principais causas da desistência escolar dos adolescentes e jovens em privação de liberdade.

**Palavras-chave:** Desistência escolar. Saberes. Medidas Socioeducativas. FASE.

## **LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS**

Quadro 1 – Temas destacados das entrevistas para análise – Família e Escolarização.....	18
Quadro 2 – Temas destacados das entrevistas para análise – Escolaridade .....	19
Gráfico 1 – Escolaridade dos jovens antes da FASE.....	33
Gráfico 2 – Escolaridade dos jovens na FASE.....	34
Quadro 3 – Motivos dados pelos jovens para a desistência escolar. ....	35

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Apanhado das relações familiares dos entrevistados com relação à escolarização da família.....	28
Tabela 2 - Apanhado das relações familiares dos entrevistados que não concluíram os estudos. 29	
Tabela 3 – Apanhado dos fatores relacionados à desistência escolar.....	32

## **LISTA DE SIGLAS**

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CASE-PC - Centro de Atendimento Socioeducativo Padre Cacique

CASEF - Centro de atendimento socioeducativo feminino

CECONP - Centro de convivência e profissionalização

CIPCS - Centro de internação provisória Carlos Santos

CSE - Comunidade socioeducativa

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

FASE - Fundação de Atendimento Socioeducativo

FEBEM - Fundação do Bem-Estar do Menor

ICPAE - Internação Com Possibilidade De Atividade Externa

ISPAE - Internação Sem Possibilidade de Atividade Externa

LA - Liberdade Assistida

PEMSEIS - Programa de Execução de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade

PIA - Plano Individual de Atendimento

POA I - Centro de atendimento socioeducativo regional de Porto Alegre I

POA II - Centro de atendimento socioeducativo regional de Porto Alegre II

PPSC - Programa de Prestação de Serviço à Comunidade

PSC - Prestação de Serviço à Comunidade

SASE - Serviço de Apoio Socioeducativo

SCFV- Serviço de Convivências e Fortalecimento de Vínculos

SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: Trajetórias de uma pedagoga em formação .....	9
2. REVISÃO DE LITERATURA: O que dizem as pesquisas sobre socioeducação, medidas socioeducativas e adolescentes .....	14
2.1 Socioeducação, trajetória escolar e adolescentes .....	14
2.2 Medidas socioeducativas, raça e adolescentes .....	15
3. METODOLOGIA .....	17
3.1 Análise documental .....	17
3.1.1 Família e escolarização .....	18
3.1.2 Escolaridade .....	18
4. REFERENCIAL TEÓRICO .....	20
4.1 Os jovens e a relação com o saber: aportes de Bernard Charlot .....	20
4.2 Adolescentes em medida socioeducativa .....	23
4.3 Juventude, raça e socioeducação .....	24
5. ANÁLISE SOBRE A DESISTÊNCIA ESCOLAR DOS ADOLESCENTES .....	26
5.1 Família .....	26
5.2 Análise da desistência escolar dos adolescentes e jovens .....	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	37
REFERÊNCIAS .....	39

## 1. INTRODUÇÃO: Trajetórias de uma pedagoga em formação

Quando criança, minha mãe trabalhava como cozinheira em abrigos, e, sempre que podia, eu a acompanhava e brincava com as crianças que lá viviam. A maioria delas estava lá por razão das violências que sofriam, geralmente por parte das suas famílias; muitas vezes, também, sofrendo abuso dentro daquele espaço, que deveria ser de acolhimento e garantia de direitos, um lugar que seria para diminuir as tristezas que traziam de fora. Sempre fiquei chocada e triste pelo que via lá dentro. Muitas das coisas eu não entendia, pela pouca idade que tinha na época, e, conforme fui crescendo, fui entendendo por que essas coisas aconteciam com tantas crianças e adolescentes. Fiz o curso de educadora social e atuei em 2015 e 2016 no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), antigo Serviço de Apoio Socioeducativo (SASE)<sup>1</sup>, em Porto Alegre. O SCFV, conforme Santos e Lemes (2016), faz parte de um conjunto de programas, projetos e serviços da proteção social básica. Organizado a partir de percurso, com o objetivo de garantir aquisições crescentes aos seus integrantes, visa fortalecer a convivência familiar e comunitária. Segundo as autoras, podem participar crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, de acordo com seu ciclo de vida. Os ciclos são organizados por crianças de zero a 6 anos, adolescentes/jovens de 18 a 29 anos, adultos e idosos.

Dentro do espaço do SCFV, me descobri como educadora. Cada dia era uma nova descoberta, expectativa, experiência e trocas. Quando me vi em um local com crianças e adolescentes, com idades entre 6 e 14 anos, percebi a importância que temos na vida de cada sujeito. Independentemente de estar lá como educadora, eu também era como uma mãe, que escutava os lamentos quando estavam cansados, ou como uma psicóloga, quando expunham que estavam com enormes problemas dentro de suas casas ou fora delas. Percebi, então, que ser educadora é muito mais do que entrar em uma sala e fazer projetos ou encher o quadro de conteúdos. Nós lidamos com sujeitos em suas essências, pois convivemos com eles diariamente, e isso acaba criando sentimentos de afeto. Amadureci ali a certeza de que era nos lugares de

---

<sup>1</sup> SASE: Desenvolvido pela Fasc, atende crianças e adolescentes de sete a 14 anos. Além do apoio socioeducativo, garante proteção social para as crianças. É implementado no turno inverso ao da escola, oferecendo alimentação, apoio pedagógico e psicossocial e, quando necessário, encaminhamento aos serviços de saúde. Em entidades conveniadas, as crianças e adolescentes participam de oficinas culturais, esportivas e atividades lúdicas para estimular o desenvolvimento afetivo e social.

desenvolvimento de projetos sociais que eu gostaria de estar, pois a cada dia que passava eu continuava feliz de estar lá.

No segundo semestre de 2016, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e sabia que gostaria de estar com adolescentes, mais precisamente na Educação de Jovens e Adultos. Sabia que como pedagoga poderia atuar em um espaço não escolar, porém ainda não sabia como. No segundo semestre do curso, conheci a Professora Karine, pessoa que admirei desde o primeiro dia. Ela chegou falando com tanta paixão da Educação Social, que eu percebi exatamente onde queria atuar. O tema engloba tudo o que acredito e tudo pelo que venho brigando dentro da Universidade: reconhecer os espaços de trabalho com crianças e adolescentes que não tiveram um terço das oportunidades que a maioria das pessoas nesta universidade teve. E é nesse espaço que quero construir minha base, lutando pelos direitos de crianças e adolescentes junto com eles.

Quando chegou a época do estágio obrigatório, eu queria muito fazer o estágio na Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE). Sempre quis atuar como pedagoga em espaços de privação de liberdade ou acolhimento institucional, pois acredito que a profissional da pedagogia nesses espaços se faz importante, por possuir saberes específicos para realizar o trabalho pedagógico. A educadora-pedagoga, a partir da minha experiência vivida, desenvolve um olhar mais atento para as crianças e adolescentes nas suas mais variadas vivências. Logo, fazer o acolhimento e um trabalho pedagógico que seja atrativo para as crianças e adolescentes é o mais importante, e pode mudar muitas vidas, ajudando a enfrentar obstáculos.

Compreendo, a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que a condição legal da privação de liberdade possui caráter educativo, através das medidas socioeducativas. Estas possibilitam que os adolescentes e jovens, ao cumprirem as medidas, mudem a forma de viver suas vidas. A partir do exposto no ECA, os adolescentes e jovens são vistos como sujeitos em situação peculiar de desenvolvimento e necessitam de um olhar integral, que ao mesmo tempo exija a responsabilização pelo ato cometido, mas como foco no desenvolvimento humano e social.

Muitos realmente acabam mudando suas formas de vida quando saem desses espaços. Porém, devido às adversidades, muitos seguem vivendo em situações de delito. Compreender isso ultrapassa a dimensão da atuação dos profissionais da educação. O papel da pedagoga na unidade de privação de liberdade não é transformar a vida de adolescentes e jovens estigmatizados pela

escola e a sociedade fazendo-os acreditar que há um mundo lindo fora daqueles muros esperando-os de braços abertos, mas contribuir para que conheçam seus direitos e que reconheçam em si capacidade de buscar o que desejam enquanto cidadãos. Acreditar nos sujeitos que estão dentro da FASE é o início de qualquer ação educativa que se realize em situação de privação.

Em 2018/2, quando ingressei no quinto semestre do curso de Pedagogia, o currículo do curso foi modificado, sendo adicionada a disciplina de “Estágio I”. Quando descobri que esse estágio entraria para o currículo, busquei todas as informações que pude para fazê-lo na FASE. Eu e minha orientadora entramos em contato com a pedagoga da FASE e, depois de muita conversa, conseguimos a liberação, sendo eu, a primeira negra e estudante de Pedagogia a fazer estágio na FASE, atuando na Internação Com Possibilidade De Atividade Externa (ICPAE). Quando iniciei o estágio, a unidade tinha 15 adolescentes e jovens com idades entre 14 e 19 anos cumprindo medida socioeducativa. Como nunca haviam recebido uma estagiária para atuar nesse local, a construção do próprio estágio foi estabelecida durante todo o período em que estive lá.

A proposta da Faculdade de Educação (FACED/UFRGS) para o estágio era acompanhar uma pedagoga em espaços educativos não escolares e entender seu papel no local em que estava inserida, observando como atuava e como mediaria os conflitos que lá ocorressem. A proposta era que, dentro de um espaço de privação, os adolescentes e jovens tivessem atividades laborais e educativas que contribuíssem para o cumprimento da medida. No caso da FASE, onde realizei meu estágio, além da pedagoga atuam na equipe técnica Psicóloga, Profissional de Educação Física, Assistente Social e Assistente Jurídico. Todos esses profissionais auxiliam os adolescentes e jovens de todas as formas que necessitam, porém a atuação da pedagoga na unidade é de suma importância para o cumprimento dos direitos dos meninos dentro dos espaços da FASE, como o acesso à biblioteca, em que exercitam a leitura, além de atividades externas, que são realizadas por ela. A pedagoga está sempre buscando que se faça o melhor para esses jovens, que já estão privados de sua liberdade, buscando cursos, estágios e atividades laborais que os meninos façam dentro da unidade Centro de Atendimento Socioeducativo Padre Cacique (Case-PC), e recebe para isso.

Dentro da unidade em que fiz o estágio, conheci 15 adolescentes e jovens. A maioria deles estava cumprindo medida socioeducativa em função de tráfico de drogas, assalto, morte, entre outros. Nunca procurei saber o motivo de cada um ter entrado lá. Essas informações ficava sabendo pela pedagoga. Não acredito que o motivo de estarem lá forme o caráter deles; a natureza do delito não define a pessoa que eles são.

No estágio, após o período de observação e entendimento de como se constituía esse espaço, era necessário realizar uma ação com os adolescentes e jovens com quem havia convivido durante 3 meses, duas vezes por semana. Nesse ponto a pedagoga sugeriu a realização de entrevistas com eles, abordando as trajetórias escolares desses adolescentes e jovens. Pelos depoimentos das entrevistas<sup>2</sup> dos adolescentes e jovens, ali estavam pobres, negros que precisaram entrar para o tráfico para ajudar a família, tendo então que sair da escola.

Conforme o Atlas da violência (2020), as maiores taxas de homicídio têm sido de jovens. O motivo é o envolvimento com o tráfico de drogas. Por jovens são considerados pessoas entre 15 e 29 anos. Os adolescentes e jovens que compõem os estudos dessa pesquisa são encaixados nesse contexto pois possuem idades de 15 a 18 anos. Institucionalmente, esses adolescentes e jovens são empurrados para fora da vida escolar. Vivemos em uma sociedade totalmente desigual, e o Estado, que deveria garantir a permanência dos jovens na escola, não investe em instituições que assegurem e promovam as condições para que os adolescentes permaneçam nesse espaço.

A desigualdade social gera efeitos tanto no desenvolvimento humano, quanto nas trajetórias das populações mais empobrecidas. Logo, os adolescentes e jovens são os mais afetados, pois não encontram o suporte necessário para construir escapes à realidade em que vivem. Atribuo aos efeitos da desigualdade social as causas para o fracasso escolar desses adolescentes e jovens por observar sua necessidade de trabalho, muitos ainda na infância, e a sobrecarga de responsabilidades que levam ao desinteresse e ao baixo desempenho da aprendizagem, sendo assim determinantes para a evasão escolar (Fornari, 2009). A maioria dos adolescentes e jovens não conseguem concluir o ensino regular porque precisam trabalhar, ajudar em casa, ou simplesmente porque a escola não é percebida como importante. Compreender em profundidade as causas dessa evasão e desistência é o tema central deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A partir da experiência do estágio curricular desenvolvido na FASE, pude produzir uma série de materiais. Destes, destaquei entrevistas feitas com os adolescentes e jovens na ICPAE. Também lancei mão do meu diário de campo como suporte às reflexões que serão apresentadas nos próximos itens.

Proponho então a seguinte questão de pesquisa: “Quais as causas da desistência escolar dos adolescentes e jovens em privação de liberdade?”. Assim, o objetivo geral deste estudo foi:

---

<sup>2</sup> Tais entrevistas serão objeto de análise mais aprofundada neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Compreender a(s) causa(s) da desistência escolar dos adolescentes e jovens que estão em restrição de liberdade na FASE. Tendo como objetivos específicos: Identificar a percepção dos adolescentes e jovens sobre a escola; Analisar as relações de saber dos adolescentes e jovens; e Compreender a desistência escolar na sua relação com o aprender.

No capítulo 2, Revisão de Literatura, retomo o que dizem as pesquisas sobre socioeducação, medidas socioeducativas e adolescentes, trazendo um mapeamento da produção acadêmica sobre o tema. O capítulo 3 apresenta a metodologia escolhida para a realização deste trabalho, que será análise documental aplicada às entrevistas realizadas para o estudo. O capítulo 4, Referencial teórico, traz os aportes teóricos de Bernard Charlot (2000), auxiliando na relação dos saberes dos adolescentes e jovens dentro e fora da escola. O capítulo 5, Análise sobre a desistência escolar dos adolescentes e jovens, apresenta as causas da desistência escolar dos adolescentes e jovens entrevistados. No capítulo 6, Considerações finais, são dispostos os resultados analisados nesta pesquisa.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA: O que dizem as pesquisas sobre socioeducação, medidas socioeducativas e adolescentes**

Para realizar a revisão de literatura, optei pesquisar a partir do repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), apenas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, no período de 2010 a 2020, com os seguintes descritores:

1. Socioeducação, trajetória escolar e adolescentes
2. Medidas socioeducativas, raça e adolescentes

Na pesquisa realizada no portal de periódicos da CAPES, foram encontrados, no refinamento como resultado ao critério “Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS”, quando busquei os descritores “socioeducação, trajetória escolar e adolescentes” foram encontrados 675 trabalhos, porém apenas 2 que fazem relação com este trabalho. Já quando pesquisado “medidas socioeducativas, raça e adolescentes”, aparecem 643 trabalhos, mas nenhum deles relacionado a este trabalho de conclusão de curso.

Optei por verificar até a quinta página de resultados. O refinamento se deu manualmente, buscando identificar os trabalhos pelo título. Para o primeiro descritor, separei todos os trabalhos que tinham no título “socioeducação” e/ou “medidas socioeducativas”. Para o segundo descritor, busquei por trabalhos que tivessem no título “medidas socioeducativas e raça” e não foi encontrado nenhum trabalho relacionado.

### **2.1 Socioeducação, trajetória escolar e adolescentes**

Respondendo ao critério de presença das expressões “socioeducação” ou “medidas socioeducativas” no título, encontrei dois trabalhos. Dos trabalhos encontrados, um desenvolve estudos sobre a socioeducação e a educação especial; o outro fala sobre a estigmatização dos adolescentes em medida socioeducativa.

A dissertação de mestrado de Carvalho (2017) tem como título “TERRA-MAR: Litorais entre a socioeducação e a educação especial” e o objetivo de aprofundar e trazer um novo olhar sobre a escolarização dos adolescentes com deficiência dentro da FASE-RS. O autor tenta

estabelecer, a partir de uma pesquisa exploratória e qualitativa, uma relação entre educação especial e a socioeducação em aportes psicanalíticos, juntamente com suas experiências vividas diariamente durante o desenvolvimento da pesquisa. Mesmo com adolescente suscetível a ser encaminhado ao atendimento especializado, não foi possível encontrar adolescentes diagnosticados com deficiência. Essa pesquisa se mostrou importante porque os atos infracionais acabam mascarando possíveis circunstâncias de deficiência.

Outro trabalho que continha no título a palavra “socioeducação” foi a dissertação de mestrado de Vidal (2014). O trabalho teve como título “Adolescentes em medida socioeducativa: um estudo sobre estigma”. O autor, partindo da perspectiva teórica de Erving Goffman sobre estigma em estudo publicado em 1988, desenvolveu seu trabalho com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas através de sua participação como bolsista do Programa de Prestação de Serviço à Comunidade (PPSC), utilizando-se de materiais empíricos e de documentos do Núcleo de Extensão e Pesquisa do Programa Interdepartamental de Práticas com Adolescentes e Jovens em Conflito com a Lei (PIPA), da UFRGS, que realiza um trabalho interdisciplinar de acompanhamento de adolescentes e jovens em medidas socioeducativas e de técnicos, professores e estudantes de Pedagogia e outros cursos da universidade. O trabalho investigou como esses jovens em conflito com a lei são vistos socialmente, excluídos e marginalizados, explicando historicamente o conceito de “estigma”, usado para descrever os processos desumanizantes que esses jovens sofrem.

O trabalho de Vidal (2014) foi muito importante para o desenvolvimento desta pesquisa, pois a estigmatização dos adolescentes e jovens é um tema importante a ser discutido. Adolescentes e jovens que mal se constituíram socialmente já são excluídos e vistos como marginais e inferiores por causa do local onde moram, por suas roupas e falas. A leitura desse trabalho me ajudou a compreender esses indicadores.

## **2.2 Medidas socioeducativas, raça e adolescentes**

Na busca por esse descritor, não foi encontrado nenhum trabalho. O trabalho relacionado que mais se aproxima, ainda que não trate do tema raça, é o de Vidal (2014). No trabalho de Vidal (2014), evidencia-se o quanto o Estado é violento com os adolescentes que vivem à margem da sociedade, por serem diferentes do “dito normal”; negros, pobres, que moram em vilas e não se

vestem de acordo com o que a sociedade impõe. O trabalho aborda também a violência exercida pelos policiais nos locais mais afastados do centro. Trata-se de um trabalho de enorme relevância, pelo fato de ser o único encontrado no portal da CAPES trazendo as questões consideradas importantes para compor esta pesquisa.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Análise documental**

Farei uso da análise documental para esse estudo, tendo como material de análise as entrevistas realizadas durante o meu estágio curricular, além de meu diário de campo. Em tempo, a análise documental, segundo Sá-Silva, Almeida e Guindan (2009), possui o documento como objeto de investigação, que pode ser impresso, escrito ou digital; diferencia-se da pesquisa bibliográfica, que é a análise documental de domínio científico. A análise documental, diferentemente da pesquisa bibliográfica, utiliza-se de materiais ainda não explorados como fonte primária, não analisada cientificamente.

As entrevistas, feitas durante o estágio com os adolescentes e jovens que estavam no CASE-PC, foram o principal foco da análise. Foram analisadas doze entrevistas, divididas em dois eixos: família e escolarização. O material analisado foi produzido durante o período do estágio e teve como objetivo conhecer de fato cada adolescente e jovem que estava naquele período cumprindo medida naquela unidade. Logo, não utilizarei todas as questões para este estudo. Ao iniciar as entrevistas, que foram individuais, eu sempre chamava a atenção para o fato de eu estava ali realizando o meu estágio e que as entrevistas seriam usadas para fins acadêmicos e que seus nomes não seriam divulgados. Concordando, cada um assinou seu nome ciente dos termos da entrevista. A aplicação das entrevistas foi realizada em três manhãs, agendadas com a pedagoga e realizadas por mim, sem interferências de agentes ou educadores. Não houve gravação; era apenas eu, o entrevistado e papel e caneta para a realização das transcrições.

Inicialmente quis saber quantas vezes os adolescentes e jovens haviam ingressado na unidade, para saber se eram reincidentes ou não. Em seguida, indaguei como eram suas rotinas antes do ingresso na unidade e quando iam para casa, para entender melhor com quem moravam e como se sentiam em relação aos seus responsáveis e familiares. Busquei traçar os perfis da escolarização dos adolescentes e jovens e das famílias. Além de traçar o perfil escolar dos familiares para compreender se suas trajetórias são parecidas.

### 3.1.1 Família e escolarização

Em análise ao documento da entrevista, a pergunta sobre a família foi realizada como um modo de conhecer um pouco mais sobre as histórias de vida de cada entrevistado, entendendo a importância de conhecer o contexto social desses adolescentes e jovens. Logo, destaquei as seguintes informações em relação à família e sua escolarização (Quadro 1):

Com quem mora
A idade das pessoas que moram com o jovem
Escolaridade
Trabalho
Relação com os familiares

**Quadro 1** – Temas destacados das entrevistas para análise – Família e Escolarização

### 3.1.2 Escolaridade

Num outro bloco de análise, destaquei informações a respeito das relações dos adolescentes e jovens com as escolas que frequentaram antes de entrar na unidade, bem como na escola que estavam frequentando no momento da entrevista (Quadro 2).

Ingresso na unidade
Quantas vezes ingressou
Raça/cor
Idade dos adolescentes
Série antes de entrar na unidade
Qual ano está atualmente?
Quantas vezes reprovou?
Por que desistiu de estudar?
Qual a relação que possuía/possui com professores e colegas?

O que espera da escola?
Gosta da escola?
Qual a importância da escola?

**Quadro 2** – Temas destacados das entrevistas para análise – Escolaridade

A análise dos dados será realizada no capítulo 5 deste trabalho.

## 4. REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1 Os jovens e a relação com o saber: aportes de Bernard Charlot

Sobre as primeiras percepções a respeito do resultado do documento da entrevista, foi possível observar a importância das perguntas como motivadoras do relato sobre as trajetórias escolares truncadas e os motivos da desistência escolar. Muitos relataram nas suas respostas que saíram da escola por não gostar de frequentá-la ou por ter de trabalhar, pois precisavam de dinheiro para ajudar a família. Relataram ainda que a escola não era necessária, que “um monte de coisas que aprendia na escola não servia para nada na rua”. As respostas dos adolescentes e jovens sobre a relação que possuíam com as professoras antes e depois de entrar na unidade permaneciam em sua maioria as mesmas entre os jovens relataram gostar da professora e dos colegas. Mas as que me chamaram maior atenção foram as respostas daqueles que não gostavam das professoras dos colégios que estudaram antes de entrar na FASE. As respostas eram: “ela dizia que eu só incomodava e não gostava de mim”, “a sora me expulsou porque eu não fazia nada”.

Para auxiliar no entendimento das desistências dos adolescentes e jovens a partir do resultado das entrevistas feitas com eles, procurei autores que se aproximassem das questões trazidas por eles nos seus relatos. Encontrei Bernard Charlot, que fala sobre os saberes dos adolescentes e jovens dentro da escola e fora dela, e sobre o que a escola possui de importante para eles. Além disso, aborda também o que de importante têm a família e os amigos fora da escola, e no que podem acrescentar à vida deles que seja igual ou mais importante. Charlot apresenta um repertório muito importante que contribui para fundamentar teoricamente este estudo.

A relação com o saber é muito mais que as matérias que nos são passadas durante nossa trajetória escolar. É tudo o que aprendemos também fora da sala de aula, seja com nossas famílias ou com amigos.

O fracasso escolar é visto como uma falha do aluno ou uma falha da família e, conseqüentemente, do meio em que vive, mas raramente pensa-se que possa ser falha dos professores ou da escola. Os alunos que possuem contextos, posicionamentos e atitudes diferentes possuem também tratamentos diferentes, dinâmica expressa em práticas como a separação entre os alunos “que sentam na frente” e os alunos “do fundão”. Os alunos que sentam na frente são dedicados e não são agressivos, são vistos aos olhos dos professores como alunos interessados e

com vontade de aprender. Já os alunos que sentam mais ao fundo e parecem não prestar atenção nas aulas ou são de alguma forma agressivos são vistos como desinteressados, logo presume-se que não possuem vontade de aprender. Esses alunos são descartados e vistos como fracasso, processo que acaba culpabilizando somente o aluno.

Na época em que fiz o estágio, a pedagoga que me acompanhava me disse que os adolescentes e jovens não evadiam, que eles não abandonavam a escola, mas que desistiam, e desistiam por algum motivo; então passei a entender o que ela quis dizer. Os adolescentes e jovens que saiam, em grande maioria na sexta série, desistiram da escola por motivo de serem agressivos e desinteressados.

A grande maioria desses adolescentes e jovens que fracassam na escola e acabam por desistir compõem famílias de classes populares, e não é incomum que se diga que o meio em que vivem interfere também na sala de aula e de algum modo reflete no que eles conhecem. Ainda que se possa questionar essa relação de causalidade, não é errôneo definir aquele aluno pelo seu meio familiar. Charlot (2000, p. 29) inclusive diz que os alunos e os pais são as primeiras vítimas desse fracasso escolar, e determina que “o verdadeiro responsável é a própria sociedade que produz e reproduz desigualdades, faltas e deficiências”.

As instituições também sofrem com a falta de recursos, professores mal remunerados e desmotivados. Muitas vezes não conseguindo dar a devida atenção para aqueles alunos que demandam maior atenção, não conseguindo suprir suas necessidades.

os docentes aderem maciçamente a uma teoria da reprodução que põe em causa a instituição escolar, denunciada como não-igualitária e reprodutora. [...] o que é questionado é a má instituição, cujas vítimas são as crianças, suas famílias e os próprios docentes; a instituição de uma má sociedade. (CHARLOT, 2000, p. 29)

Assim, podemos compreender que é necessária uma revisão dessas instituições para que seja possível suprir essas faltas com os alunos. Possuir para com os alunos uma leitura positiva faz toda a diferença, assim como descobrir quais os saberes os alunos adquiriram fora da escola e que podem compor as aulas, da mesma forma que perguntar o que aprenderam na escola e que pode ser levado para fora dali. Dispor de uma leitura negativa do aluno já o condiciona a ser um “fracasso escolar”. Essa leitura objetifica e anula, transformando em algo inexistente o que é a forma que categorias dominantes enxergam as dominadas (CHARLOT, 2000, p. 30).

O processo de aprendizagem do indivíduo é obrigatório e está presente na sua concepção de sujeito, que ocupará um lugar individual e social para se constituir o processo triplo de homem

(hominizar-se), único homem (singular) e membro de uma sociedade e ocupando nela um lugar (socializar-se) (Charlot, 2000). É por meio da aprendizagem que o sujeito se constitui, consigo próprio, na sua comunidade e no mundo em que está inserido.

Aprender para viver com os outros homens com quem o mundo é compartilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, de uma parte desse mundo, e para participar da construção de um mundo pré-existente. Aprender em uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente minha, no que tem de única, mas que me escapa por toda a parte. Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros (CHARLOT, 2000, p. 53).

Esse processo é permanente. A educação é o modo pelo qual o sujeito se constrói e é construído pelos que estão a sua volta. É dessa maneira que a criança, nascendo inacabada, se constitui enquanto ser humano; porém, só é possível esse movimento se o indivíduo permitir, e para isso é necessária a colaboração de ambas as partes.

Conforme Charlot (2000 p. 78), “A relação com o saber é a relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros”, portanto ele está em constantes descobertas e evolução. O mundo que o homem conhece só pode ser entendido por ele através de símbolos que são gerados na sua vivência com outros indivíduos e consigo mesmo, vivências essas que o ajudam a estabelecer essa relação. Essa construção com o mundo é cheia de significados compartilhados, através dos quais o sujeito se desenvolve e se molda, sendo parte desse universo. Assim, ele se imagina e deseja o que está sendo ofertado através desses significados, e por meio disso se dá a relação com o mundo. Ainda, Charlot (2000) destaca que a relação com o saber é também uma relação com o tempo, na qual tudo o que o sujeito já aprendeu no mundo se construiu com ele mesmo e com os outros, construção da qual ele posteriormente se apropriou; todos esses, processos que levam tempo.

Analisar a relação com o saber é estudar o sujeito confrontado à obrigação de aprender, em um mundo que ele partilha com outros: a relação com o saber é a relação com o mundo, relação consigo mesmo, relação com os outros. Analisar a relação com o saber é analisar uma relação simbólica, ativa e temporal. (CHARLOT, 2000, p. 79)

Portanto, a relação com o saber faz parte do cotidiano do sujeito, e depende das relações que ele estabelece, de como aprende e de como se coloca no mundo.

Então, para que seja possível analisar essas relações, buscamos relações com lugares, pessoas e objetos, assim como entender como o jovem aprende, como se relaciona com a escola, com os professores e colegas e com a família. Também, como essas relações se articulam entre si

e com o indivíduo, com foco nas relações que o pesquisador deseja estabelecer. Neste caso, busquei analisar como os adolescentes e jovens se relacionavam com seus colegas e professores para estabelecer como se entendiam os saberes dentro e fora da escola.

#### **4.2 Adolescentes em medida socioeducativa**

Os adolescentes, conforme o art. 112 do ECA, podem cumprir medidas socioeducativas conforme verificada a prática de ato infracional em duas categorias: meio aberto, que se constitui em advertência, reparo do dano, prestação de serviço à comunidade (PSC) e/ou liberdade assistida (LA), e meio fechado, que pode ser a inserção em regime de semiliberdade ou internação em estabelecimento educacional..

A FASE/RS foi criada a partir da Lei Estadual nº 11.800, de 28 de maio de 2002, e do Decreto Estadual nº 41.664 – Estatuto Social, de 6 de junho de 2002, consolidando o processo de reordenamento institucional iniciado com o advento do ECA (Lei 8.069/90), o qual também provocou o fim da antiga Fundação do Bem-Estar do Menor (FEBEM). A FASE tem como objetivo a administração das unidades de execução das medidas socioeducativas e o atendimento aos adolescentes e jovens adultos que cumprirão essas medidas nas unidades designadas; neste caso, o CASE-PC. Essa unidade possui dois tipos de internação: Internação sem possibilidade de atividade externa (ISPAE) e ICPAE. Atualmente, o CASE-PC atende 50 adolescentes e jovens, com capacidade total de 80, vindos dos Juizados de Santa Cruz do Sul e Osório, cidades que ainda não possuem unidades da FASE. Ainda temos, dentro da unidade, a Internação Provisória, determinada pelo juiz quando o adolescente ou jovem é acusado, mas ainda está esperando sentença. Segundo o Programa de Execução de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade (PEMSEIS), essa determinação tem a intenção de assegurar a integridade do adolescente e prevenir a sociedade. As medidas são determinadas pelo juiz após tomar ciência do ato infracional.

No regime de ISPAE, os adolescentes e jovens irão cumprir suas medidas dentro da unidade, assim como os atendimentos individuais e em grupos, as oficinas e também a escola. Já na ICPAE, os jovens possuem permissão para fazer atividades fora da unidade. Após avaliações semanais em reuniões com a equipe que auxilia o jovem (pedagoga, psicóloga, assistente social, profissional de educação física e advogado), e depois, também, da avaliação do plano individual

de atendimento (PIA), o adolescente ou jovem, se não descumprir nenhuma das regras da unidade, poderá ir para casa aos finais de semana. Também é uma maneira de ajudar o socioeducando a se reintegrar socialmente, de forma gradual, com planejamento e supervisão.

A FASE possui outros seis centros de atendimento na capital, são eles: Centro de atendimento socioeducativo feminino (CASEF), Centro de convivência e profissionalização (CECONP), Centro de internação provisória Carlos Santos (CIPCS), Comunidade socioeducativa (CSE), Centro de atendimento socioeducativo regional de Porto Alegre I (POA I) e Centro de atendimento socioeducativo regional de Porto Alegre II (POA II). O CECONP não é uma unidade de internação, tem a finalidade de produzir atividades pedagógicas, culturais e educativas para os adolescentes e jovens que cumprem medidas de Icpae em Porto Alegre. Conforme os dados da FASE, em outubro de 2020 estão distribuídos nas 6 unidades de internação 279 adolescentes e jovens, a maioria usando a capacidade média, apenas POA II em sua capacidade total.

No interior do Rio Grande do Sul, a FASE possui outras sete unidades de internação. Estão localizadas em Caxias do Sul, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Pelotas, Santo Ângelo, Uruguaiana e Santa Maria. Além dessas, oito unidades de semiliberdade estão localizadas, uma unidade feminina e uma unidade masculina na capital, Caxias do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santo Ângelo, São Leopoldo e Uruguaiana. As unidades de Caxias do Sul, Novo Hamburgo e Pelotas estão acima da sua capacidade total, enquanto Santo Ângelo está em sua capacidade total. As outras unidades estão utilizando sua capacidade média.

### **4.3 Juventude, raça e socioeducação**

Após o estágio e após conhecer os adolescente e jovens que cumpriam a medida na unidade, pensei muito e decidi que falar também neste capítulo sobre o racismo do Estado, sobre os corpos negros. Trata-se de um tema de extrema importância, visto que a maioria dos adolescentes e jovens internos são negros, como mostra o levantamento anual do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (**SINASE**); em relação ao perfil dos adolescentes e jovens em restrição e privação de liberdade, o levantamento mostra que a maior parte - 96% do total - era do sexo masculino, e 61,03% foram considerados negros (BRASIL, 2018). Mesmo com a Constituição Federal de 1998 e a chegada do ECA (1990) incorporando inúmeros direitos às

crianças e adolescentes, em nenhum momento é direcionado algo relativo às crianças, adolescentes e jovens pretos.

Ribeiro (2017) mostra como o sistema penal ganha com o fracasso do sistema de justiça juvenil, onde os jovens negros são os maiores alvos da justiça do estado, e vemos todos os dias na mídia o modo como a polícia age em comunidades periféricas, corroborando com um Estado genocida cuja principal motivação é violentar adolescentes e jovens negros e pobres, vistos como violentos e bandidos, infringindo seus direitos e estimulando a desigualdade social.

Pouco se encontra debate sobre adolescentes e jovens negros e a socioeducação diretamente. Porém, é relevante abordar o racismo que assola a nossa sociedade desde a abolição da escravatura, onde nenhum direito foi garantido às pessoas negras, que não tinham acesso à educação e não tiveram qualquer tipo de indenização após quase 350 anos de escravização. A partir desse ponto, podemos entender, como falou Ramose (2011), as questões de poder como continuidade das desigualdades perante o conceito biológico de raça, que desumaniza os negros, sendo que foi o eurocentrismo colonial que dividiu os seres humanos por raça.

Vidal (2017) traz no livro *Percurso com adolescentes - PPSC 20 anos de história* que grande parte das pessoas moradoras de periferias são vistas pela sociedade como pessoas não dignas de melhores condições de trabalho e inferiores às pessoas que vivem em locais privilegiados. A repressão policial pode ser diferente nesses dois ambientes, porque um policial pode invadir casas e oprimir pessoas que estão próximas ou mesmo dentro de suas casas, e quando está em um bairro nobre ele é muitas vezes humilhado, ridicularizado, e não faz absolutamente nada. Isso é porque, socialmente, as pessoas pobres não são vistas como dignas e, portanto, podem ser tratadas de qualquer forma por quem deveria estar nos protegendo.

A maioria dos adolescentes e jovens que cumprem medidas socioeducativas são de periferia, pobres e pretos. Perante a sociedade, eles já nascem suscetíveis ao fracasso, pois a sociedade os marginaliza desde cedo, e, muito provavelmente, esses adolescentes e jovens não chegarão ao final de seus estudos e, por inúmeros motivos, seguirão para o mundo do crime.

Em contrapartida, a maioria desses adolescentes e jovens não têm apoio e condições para seguirem nos seus estudos; muitos acabam saindo da escola para trabalhar e não conseguem oportunidades por seus jeitos, vestimentas e linguagem. Assim, sem oportunidades e necessitando de dinheiro, vão para o crime ou para os serviços mais invisibilizados.

## **5. ANÁLISE SOBRE A DESISTÊNCIA ESCOLAR DOS ADOLESCENTES**

Neste capítulo de análise, serão apresentadas as tabelas efetuadas a partir das entrevistas desenvolvidas, separadas em dois eixos. No primeiro, são apresentados os dados sobre os familiares e pessoas que moram com os adolescentes e jovens, e no segundo, sobre sua escolarização.

### **5.1 Família**

O item família foi destacado buscando compreender as relações que os adolescentes e jovens possuem com seus familiares. Também buscou-se entender se essas relações influenciaram na desistência da escola (Tabela 1).

Família								
Jovem	Raça/cor	Ingresso na FASE	Quantas vezes ingressou na FASE	Com quem mora	Idade	Escolarização	Trabalho	Relação com a família
Jovem 1	Preto	11/05/2018	1ª vez	Mãe Irmão Irmã	- 18 6	Não frequentou a escola 1º ano do 2º grau -	Em casa Ciee -	Brigas normais com os irmãos. Irmão mais velho também na unidade, mãe não os visita.
Jovem 2	Branco	04/10/2017	1ª vez	Mãe Padrasto	42 33	EM Completo -	Atendente de Shopping Segurança	Antes era ruim, agora está boa.
Jovem 3	Pardo	11/09/2016	2ª vez	Esposa Cunhado	20 2	Faculdade de direito	Atendente de Sorveteria	Brigas normais de casal.
Jovem 4	Branco	10/08/2017	1ª vez	Mãe Irmão Tio	39 20 31	5ª série EM completo -	Garçonete DJ Gesseiro	Todo mundo se dá bem.
Jovem 5	Preto	09/06/2018	2ª vez	Mãe Padrasto	39 41	- -	Mercadinho próprio Guarda de escola	Tranquila.
Jovem 6	Preto	28/03/2017	1ª vez	Morava sozinho antes de ingressar na unidade				Ainda não havia ido para casa desde que iniciou na unidade, até o momento desta entrevista.
Jovem 7	Preto	02/03/2018	2ª vez	Mãe Namorada Irmã	43 16 13	8ª série 8º ano 7º ano	Fábrica de Calçados Estudante	É boa.

							Estudante	
Jovem 8	Preto	1/08/2018	1ª vez	Mãe Padrasto Irmão Esposa Filha	47 - 6 16 1 ano	- - Pré escola 6º ano -	Doméstica Pedreiro - Doméstica -	É tranquila.
Jovem 9	Pardo	23/08/2018	1ª vez	Vó Tia Tio Irmão	78 - 50 30	Nunca estudou - 5ª série 8ª série	Aposentada - - Mecânico de caminhão	Mãe faleceu quando o jovem tinha 6 anos. Nem tudo foi bom.
Jovem 10	Pardo	08/01/2018	1ª vez	Mãe Pai Irmã Irmã	35 37 5 17	- EM Completo - 1º ano do 2º grau	Em casa Uber - Menor aprendiz	É normal, se dão bem.
Jovem 11	Branco	27/03/2018	1ª vez	Mãe Pai Irmão	- - -	- - -	- Pintor -	Tranquilo e sem brigas.
Jovem 12	Preto	07/04/2018	1ª vez	Pai Madrasta	40 -	- -	Frigorífico Lancheria	É sereno, não há brigas.

**Tabela 1** – Apanhado das relações familiares dos entrevistados com relação à escolarização da família.

Dos 30 familiares identificados pelos adolescentes e jovens, foi possível constatar que, em relação à escolarização: existem três familiares que são crianças e que ainda não possuem idade para frequentar a escola; existem cinco familiares que estão estudando - dois cursando o primeiro ano do ensino médio; um cursando a universidade; um no oitavo ano do ensino regular e mais um no sétimo ano do ensino regular, além de uma criança na pré-escola.

Foram destacados por eles ainda nove responsáveis. Cinco familiares não completaram os estudos. Destes, dois pararam de estudar na 5ª série do ensino fundamental, um interrompeu os estudos na 6ª série e dois, na 8ª série; três familiares concluíram o ensino médio e dois nunca frequentaram a escola. Além desses, houve 12 familiares sobre os quais os adolescentes e jovens não souberam responder se estudaram ou não ou até que série. Esses dados foram destacados na Tabela 2.

Ainda não iniciou nos estudos	3
Estudando	5
Incompleto	5
Completo	3
Nunca frequentou a escola	2
Não sabe	12

**Tabela 2** - Apanhado das relações familiares dos entrevistados que não concluíram os estudos.

É possível verificar que a maioria dos familiares dos adolescentes e jovens não finalizaram o Ensino Fundamental, porém é difícil identificar com precisão a escolaridade dos pais, pois muitos não conseguiram responder. A escolaridade dos responsáveis pode interferir na escolaridade dos adolescentes e jovens, muitas vezes auxiliando no entendimento do seu percurso escolar e confirmando a importância desse percurso. É importante destacar que não estou fazendo um juízo de valor quando procuro comparar a escolaridade dos responsáveis à escolaridade dos adolescentes e jovens, mas entender, assim como Arpini et al. (2009), que

[...] pode sim haver uma falta de investimento dos pais em seus filhos, como também uma dificuldade de exercer as funções parentais que são importantes para eles. contudo, não se trataria de uma falta de desejo ou uma condição natural de fragilidade, mas sim de um dos efeitos dos processos de exclusão a que se encontram submetidos. ou seja, são famílias que também não tiveram

experiências de reconhecimento, sendo difícil para muitas delas transpor essa condição. (ARPINI et al., 2009, p. 507).

Ainda é necessário perceber que as famílias dos adolescentes e jovens realizam trabalhos que notoriamente geram pouca renda, alguns ainda constituindo uma família com mais de três pessoas. Devido a isso, trabalhar para auxiliar no sustento da família é um fator importante para pensar a desistência escolar dos adolescentes e jovens, que na maioria das vezes acabam indo para o tráfico pelo fato de não possuírem educação suficiente para arrumar outros empregos. Porém, os adolescentes e jovens que ingressam nas unidades de execução das medidas socioeducativas são obrigados a estudar e, então, alguns conseguem, ao longo da sua permanência, seguir para os próximos anos.

## **5.2 Análise da desistência escolar dos adolescentes e jovens**

Na Tabela 3 estão dispostas as respostas dos adolescentes e jovens na entrevista desenvolvida. Para entender qual a percepção que eles possuem da escola, destaquei as seguintes perguntas: Idade dos adolescentes e jovens; Quantas vezes foi transferido?; Se reprovou e por quê?; Por que desistiu?; Qual a relação com colegas e professores (antes da FASE e na FASE); O que espera da escola?; Se gosta da escola; e Qual a importância da escola. As respostas podem ser vistas a seguir.

Jovem	Idade	Transferências	Reprovações	Por que desistiu?	Relações professores/colegas	O que espera da escola?	Gosta da escola?	Qual a importância da escola?
1	17	3	Patifaria mesmo	Entrou para o tráfico	Legal	Ser uma pessoa melhor	Se estivesse na escola não estaria traficando	Arrumar um serviço melhor
2	15	2	Não entendia a matéria	Não desistiu	Normal, faz o que pedem	Arrumar um serviço melhor	mais ou menos	Ter mais oportunidade na vida
3	17	0	Perdeu o ano	Foi expulso e não retornou	Normal, sem intimidade	Arrumar um emprego melhor	Se pudesse estudar, não teria ido pro tráfico	Ajudar a sair melhor
4	18	3	Nunca me dei bem na escola	Tentava mas não conseguia	Sereno	Nada, não estudará na rua	Não, mas tem que estudar	Se estudar, terá emprego garantido fora
5	15	2	la só pra bagunçar, já estava grande perto dos pequenos	Resolveu ir para o tráfico	Só discutia Agora com a troca está tranquilo	Arrumar um emprego	É boa, professora é legal	Ser alguém na vida Largar o tráfico
6	18	3	Expulso por tráfico na escola	Tinha mais coisa pra fazer/ já traficava	É bom	Sair do tráfico Arrumar um emprego melhor	Não, mas tem que estudar	Ter um futuro melhor
7	17	2	Na FASE - Prof dizia que não se	Não me interessava	Antes só ladaia, briga	Nada Não quero	Não gosto de ficar	Ninguém é nada sem

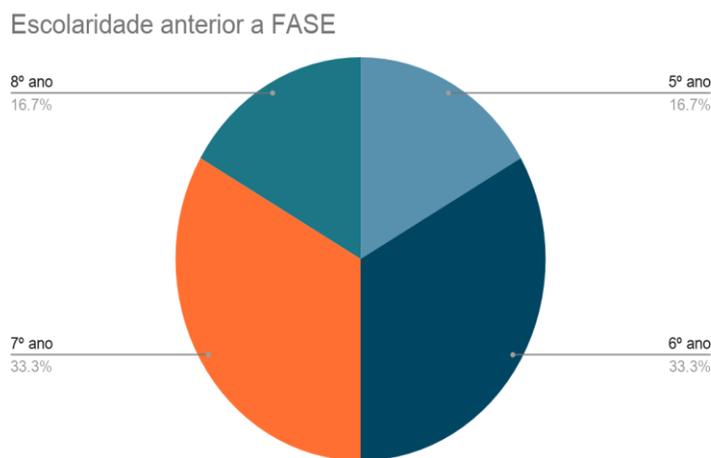
			esforçava	mais pelos estudos	Agora é boa	me esforçar	pensando	estudo
8	18	1	Não reprovou	Não gostava da escola Ninguém gostava de mim	Tranquilo	Terminar os estudos	É legal aprender	Nada de importante
9	15	2	Rodou em várias matérias e não quis fazer de novo	Não estava mais afim de estudar	Tranquilo	Que me passe de ano	Gosta	Vai ajudar a ir pra frente
10	17	2	Incomodava e não fazia nada	Foi expulso e não quis retornar	Mais ou menos, às vezes brigava	Terminar os estudos	Não Estuda porque tem que estudar	Tudo Aprender a ler e escrever
11	15	3	Não copiava Não prestava atenção	Já traficava Muito tempo sem passar, tinha vergonha dos menores	Não gostavam de mim	Espera sair do 6º ano	Claro que não	Ter um bom emprego Melhorar de vida
12	15	3	Foi expulso	Foi expulso e não quis retornar	Brigava muito	Nada	Não	Nenhuma

**Tabela 3** – Apanhado dos fatores relacionados à desistência escolar.

Na Tabela 3 não é possível determinar apenas uma causa para desistência escolar, mas várias. Dos 12 adolescentes e jovens, quatro já haviam ingressado no tráfico e, por isso, abandonaram a escola; dois disseram não estavam mais interessados na escola; dois não possuíam boa relação com colegas e professores; e três foram expulsos e por esse motivo não quiseram ir para outra escola. Dos 12 adolescentes e jovens entrevistados, apenas um não desistiu da escola.

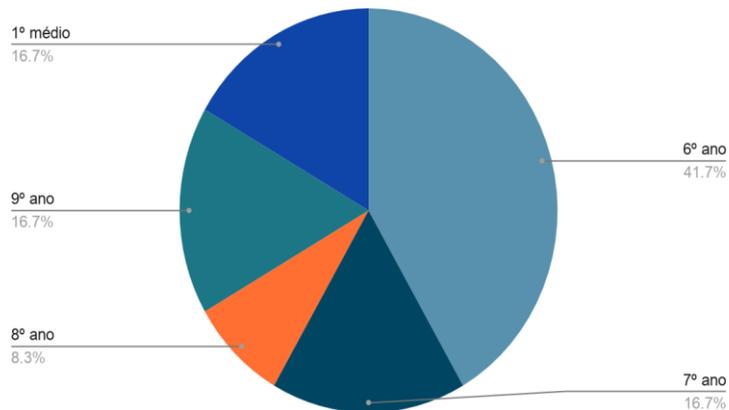
Reconhecer que o percentual de desistência é grande é uma questão importante para que se possa dar visibilidade ao problema. Para entender a desistência escolar é necessário que se leve em conta cada fator que influencia nessa desistência, como as desigualdades econômicas e sociais, assim como a ausência de um Estado que priorize a permanência desses adolescentes e jovens na escola e a precarização da escola. Como diz Charlot (2000), o fracasso escolar não existe, são situações que levam a um aluno fracassado; são essas as situações que busco identificar.

O Gráfico 1 destaca a escolaridade dos adolescentes e jovens antes de entrar na FASE e o Gráfico 2 destaca o avanço que tiveram. Quem estava no quinto ano conseguiu mudar de ano, assim como os que estavam no oitavo ano, conseguiram ir para o primeiro ano do segundo grau. Alguns ainda continuam nos mesmos anos.



**Gráfico 1** – Escolaridade dos jovens antes da FASE.

Escolaridade na FASE

**Gráfico 2 –** Escolaridade dos jovens na FASE.

É possível perceber nos gráficos que os adolescentes e jovens, após retornarem, conseguiram, na maioria, passar para os próximos anos da escola.

Quando perguntados sobre as relações com professores e colegas, os jovens não se mostraram muito confiantes, principalmente em relação aos professores anteriores à unidade. Eles não conseguem de fato estabelecer uma relação, os professores ao que parece também não se esforçam para que seus alunos se conectem com eles ou com os colegas. A relação com o saber é feita de valores e sentidos nas relações induzidas (CHARLOT, 2000); portanto, se esse contato não for estabelecido, se os alunos não conseguirem se relacionar, eles não conseguirão aprender, pois o professor só pode ensinar se o aluno permitir. Porém, caso o professor não induza e não “force”, não tente alcançar esse aluno, não será possível, e assim o aluno na falta de incentivo dos professores, também irá desistir.

O sentimento de exclusão identificado a partir das entrevistas é significativo para entendermos como os adolescentes e jovens se viam perante a escola. Quando eles falam que “ninguém gostava de mim” ou “eu já estava muito grande perto dos pequenos” ou que “nunca se deu bem na escola” dele, a gente entende esse sentimento e a falta que a escola faz nesse momento, construindo ainda mais a onda de fracasso escolar. Como mostra Charlot (2000), a deficiência institucional é uma deficiência gerada pela própria instituição escolar, na maneira com que trata as crianças que vêm de famílias populares. Então, quando ocorre essa deficiência e essas faltas com os adolescentes e jovens, eles se sentem inferiores e excluídos.

As reprovações dos adolescentes e jovens foram importantes para auxiliar a entender o desejo que eles sentiam em aprender ou não. Eles, na maior parte, não se interessavam pela escola, iam “só para bagunçar” e “não entendiam a matéria”. O desejo de aprender do adolescente e do jovem é o que o faz permanecer na escola (CHARLOT, 2000). O sujeito é a relação com o saber e o que interessa a ele, suas relações e gostos. Assim, novamente, se os professores entendessem os alunos e buscassem compreender suas vidas e seus gostos, trazendo objetos que os contemplassem, talvez os estudantes fossem mais interessados e provavelmente não teriam desistido. A responsabilidade da desistência dos adolescentes e jovens não é apenas dos professores, a escola como um todo deve propor alternativas que busquem sua permanência, assim como obter um contato maior com seus responsáveis.

O Quadro 3 abaixo foi destacado para observar melhor o que os adolescentes e jovens disseram em relação às suas desistências escolares.

Foi para o tráfico	4
Não se interessava mais	2
Não tinha uma boa relação	2
Foi expulso e não retornou	3
Não desistiu	1

**Quadro 3 –** Motivos dados pelos jovens para a desistência escolar.

Alguns foram expulsos, outros já estavam trabalhando no tráfico, não gostava de estudar e não entendiam a matéria. Dos 12 integrantes da unidade, quatro afirmaram que já estavam no tráfico. Pessoa e Coimbra (2016) fizeram um estudo apenas com jovens que já estavam no tráfico e em função disso acabaram por desistir da escola. Esse estudo me fez refletir sobre os jovens que já estão no tráfico não conseguem conciliar as atividades do tráfico e a escola. Inicialmente, os pais e a escola não percebem faltas até que os jovens finalmente desistem, e depois disso é mais difícil de fazer com que eles queiram retornar.

Riffel e Malacarne (2017) dizem que “é preciso compreender que existe um modelo de escola para os adolescentes que pertencem aos grupos econômicos e culturais que têm garantia de acesso e outro para aqueles dos grupos populares, para os quais essa garantia não existe.” Assim é

possível compreender que a escola não consegue fazer com que os adolescentes e jovens permaneçam no espaço escolar e, muitas vezes, como podemos perceber, não faz questão de que os adolescentes estejam ali.

[...] a frustração e as dificuldades começam muito cedo, pois são excluídos do modelo anterior, embora teoricamente tenham acesso a ele. A escola não lhes oferece as perspectivas que o trabalho representa. Não há muitas possibilidades de escolha a serem feitas. (RIFFEL & MALACARNE, 2010, p. 3)

Então, como identificamos, os adolescentes e jovens acabam indo para o mundo do tráfico por possuírem poucas perspectivas de trabalho.

Nas questões sobre o que esperam da escola e qual a importância dela as respostas são parecidas em relação a mudar de vida. É possível identificar que os adolescentes e jovens percebem a importância que a finalização dos estudos terá nas suas vidas, pois arrumar um emprego melhor e/ou sair do tráfico é uma das questões que mais chama atenção. Eles saem da escola por precisar trabalhar e acabam indo para o tráfico; porém, após a experiência, a maioria pensa em sair dessa vida para seguir em outros empregos.

[...]do ponto de vista das condições de trabalho, o comércio de drogas oferece posições e remunerações similares ou, muitas vezes, mais vantajosas do que as profissões normalmente ocupadas por esses adolescentes e seus familiares. (GALDEANO & ALMEIDA, 2018, p. 37)

Identificamos nas respostas dos jovens o desejo de sair dessa situação, desejando que ao final consigam empregos melhores, tendo maiores oportunidades.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou determinar quais as causas da desistência escolar de adolescentes e jovens e a percepção deles sobre a escola formal. Charlot (2000) contribui com muitos subsídios para esse entendimento, sobretudo a respeito do fracasso escolar que leva à desistência, assim como a respeito da escola como reprodutora de uma sociedade não igualitária que reforça o fracasso dos adolescentes e jovens, empurrando-os para fora das instituições. A falta de recursos nas escolas e professores mal remunerados e desmotivados também fazem parte desse meio de reprodução da exclusão desses adolescentes nas escolas. O que os alunos aprendem fora da escola, muitas vezes, faz mais sentido do que as atividades que a escola está proporcionando. Foi visto que as famílias também contribuem para que os alunos sejam levados ao fracasso, mas não voluntariamente. As famílias, muitas vezes, não possuem os subsídios necessários para que os adolescentes e jovens permaneçam nas escolas, pois muitas vezes os mesmos precisam ajudar em casa financeiramente e acabam indo em direção ao trabalho que conseguem, que muitas vezes é ilegal.

É possível também perceber o quão difícil é encontrar autores que falem da socioeducação relacionada à questão racial. Trata-se de um debate pouco explorado para um tema de extrema importância, o que dificulta a determinação do fim desse modelo de sistema cujos maiores alvos são pessoas pretas. Ribeiro (2019) e Vidal (2014) auxiliaram nessa compreensão de como a sociedade e, principalmente, os profissionais da segurança pública, que ocupam um pretensível lugar de proteção aos cidadãos, reproduzem o estigma do adolescente e jovem negro como bandido, reforçando a ideia de que as pessoas oriundas dos locais mais afastados da cidade são vistos como inferiores. Assim, o jeito como se vestem ou falam mantém-se determinante para que sejam discriminados, encarcerados e mortos.

As políticas socioeducativas vão aprimorando e atualizando procedimentos já existentes, produzindo ainda mais discursos sobre jovens infratores e práticas, discursos atualizados do século XX como *menor delinquente*. A objetificação dos corpos negros sustenta e nega a negritude, socialmente reiterando a ideia de ameaça, servindo de base para mais produções e métodos legais de controle e repressão. As desigualdades sociais e o recorte biológico definem quem é humano para o governo. Compreendemos que as penalizações de adolescentes e jovens negros restringem

ainda mais essas desigualdades quando percebermos que a maioria deles são negros e que moram em lugares permanentemente periféricos.

Os adolescentes e jovens acabam reprovando muitas vezes antes de desistirem de fato. Nesse ponto, a instituição deveria estar prestando atenção e buscando estratégias para auxiliar na tentativa de fazer com que esses alunos não desistam. Infelizmente, como pudemos identificar, quando os professores percebem, os alunos já desistiram, e dificilmente consegue-se reverter esse cenário.

Em relação à escola é fácil perceber que os adolescentes e jovens entendem que a escola é importante para arrumar empregos, ter uma vida melhor e, como alguns disseram, “sair do tráfico”. Assim, fica evidente que a escola é fundamental para que os adolescentes e jovens sigam com seus estudos, se as práticas escolares forem múltiplas e singulares, e se o aluno for protagonista e for incentivado.

É necessário que as instituições se modifiquem e que o Estado cumpra com o seu papel de educação, de assegurar que os adolescentes e jovens tenham uma educação pública de qualidade, que a permanência dos alunos seja a principal preocupação da escola, que haja diálogo com as famílias e que se procurem conhecer os adolescentes e jovens que as compõem. Além de mais estudos para conseguirmos de fato transformar essas realidades.

## REFERÊNCIAS

ARPINI, Dorian Mônica; MISSIO, Joana; KOSTULSKI, Camila Almeida; TONIOLO, Luiza Camponogara; SCHREINER, Natália Ferreira. As relações familiares nas trajetórias de vidas de jovens em contextos de vulnerabilidade social. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 29, n. 3, p. 503-514, jul./set. 2019.

BAZON, Marina Rezende; SILVA, Jorge Luiz da e FERRARI, Renata Martins. Trajetórias escolares de adolescentes em conflito com a lei. **Educ. rev.** [online]. 2013, vol.29, n.2, pp.175-199. ISSN 0102-4698.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul.

CARVALHO, Wesley Ferreira de. **TERRA-MAR: litorais entre a socioeducação e a educação especial**. 2017. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FLAUZINA, A. L. P. **Corpo negro caído no chão: o Sistema Penal e o Projeto Genocida do Estado brasileiro**, 2006. 145f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FORNARI, Liamara Teresinha. Reflexões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do capital. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 17, n. 1, p. 112-124, jan./jun. 2010.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003. 72p.

GALDEANO, Ana Paula; ALMEIDA, Ronaldo (Coord.) **Tráfico de drogas entre as piores formas de trabalho infantil: mercados, famílias e rede de proteção social** /Ana Paula Galdeano; Ronaldo Almeida, coordenadores; Deborah Fromm Trinta; et al. – São Paulo: CEBRAP, 2018.

GOULART, Thaís Saraiva. **Prestação de serviços à comunidade e o acompanhamento individual de adolescentes: experiências de uma pedagoga em formação**. 2019. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, UFRGS, Porto Alegre, 2019.

OLIVEIRA, Giovanna Perez de. **O jovem em cumprimento de Medida Socioeducativa e a escolarização: da relação com o saber à possibilidade de permanência**. 2019. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, UFRGS, Porto Alegre, 2019.

PESSOA, Alex Sandro Gomes; COIMBRA, Renata Maria. (2016) “O ‘traficante’ não vai à escola:”, **Revista Educação em Questão**, v. 54, nº42, 2016, p. 190-217. doi: 10.21680/1981-1802.2016v54n42ID10958.

RAMOSE, M; Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. Tradução: Dirce Eleonora Nigro Solis, Rafael Medina Lopes e Roberta Ribeiro Cassiano. In: **Ensaio Filosóficos**, Volume IV, Out. de 2011. Disponível em: [http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE\\_MB.pdf](http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf)>. Acesso em 02/11/2020.

RIBEIRO, I. G. S. **Da política socioeducativa à (des) regulação da vida de jovens negros brasileiros**. 2017. 154f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas** / Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres (et al.). - 3. ed. - 14. reimpr. - São Paulo Atlas, 2012.

RIFFEL, Sonia Marmol; MALACARNE, Volmar. Evasão escolar no ensino médio: o caso do colégio estadual Santo Agostinho no município de Palotina - PR, 2010.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe de. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande, ano 1, n. 1, p. 15, julho. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf>. Acesso em 02/11/2020

SINASE. **Sistema Nacional Socioeducativo. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente**, 2006.

SUAS. **Sistema Único da Assistência Social**. Governo Federal, 2005.

VIDAL, Alex da Silva. **Adolescentes em medida socioeducativa: um estudo sobre estigma**. 2014. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. Os jovens em conflito com a lei: construindo vidas descartáveis. In: CRAIDY, Carmem Maria; SZUCHMAN, Karine (org.). **Socioeducação: fundamentos e práticas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2017.